



Editorial

A Revista de Geografia do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco tem a satisfação de fazer parte do conjunto de periódicos que repercute a produção intelectual apresentada e discutida no âmbito da realização do IX Simpósio Internacional de Geografia Agrária que aconteceu nessa Universidade entre os dias 11 e 15 de novembro de 2019.

O SINGA, como é conhecido o evento, congregou em quase duas décadas de atividades acadêmicas e políticas interpretações sobre a dinâmica do desenvolvimento do capitalismo e os processos de resistências no campo no Brasil realizadas no calor do momento. Acompanhou de perto as instalações e crises das políticas neoliberais no começo do século XXI e todo o conjunto de expectativas, frustrações, conquistas e aceleração da exploração capitalista no campo que agudizou os conflitos territoriais no contexto dos governos progressistas no Brasil e na América Latina.

O SINGA se constitui como um espaço público de afirmação da teoria como um modo sagaz de intervenção política. Afirmou em seus espaços a atualidade da questão agrária como elemento constituinte da dinâmica do desenvolvimento do capitalismo no Brasil e ampliou seus olhares a partir da incorporação de outras vozes que trouxeram para o evento tanto uma miríade de sujeitos sociais em luta, como um caráter escalar mais abrangente conseguindo ressoar e fazer parte de redes de resistências epistêmicas, políticas e territoriais latino-americanas. Foi com esse ânimo que o evento leu e entrevistou no conjunto das intensas transformações políticas que antecederam e sucederam o golpe de 2016, tais como o crime ambiental de Mariana em Minas Gerais e o conjunto de lutas em defesa dos rios que formam o São Francisco no Oeste Baiano.

O IX SINGA aconteceu em Recife na antevéspera da pandemia do COVID 19, podemos dizer que ele fez parte do calendário acadêmico e político da geografia brasileira que marca o “fim do mundo” como conhecíamos. Trouxe consigo, na dinâmica da programação, o conjunto de tragédias anunciadas que vivenciam os povos do campo que comunicam em suas práticas e saberes que o capitalismo é uma experiência de terricídio, conseguindo fazer ecoar tanto a destruição vivenciada pelos Munduruku no contexto da construção da Barragem de Belo Monte, ou da mineração ilegal que afeta os Ka’apor, como a dinâmica territorial de re-existência dos Mapuches.

O mundo da tragédia, da morte e do violento desprezo à vida que passamos a testemunhar com a pandemia estava dado para os povos do campo, águas e florestas que resistem e tiveram voz nessas duas décadas de realização do SINGA. Essas vozes de fronteira nos falam da fricção, ruptura e violência, mas também da dialética reelaboração de saberes e práticas sociais originárias, comunitárias que aponta caminhos reais de vida e sementes de libertação.

Decorrido mais de dois anos da realização do evento, parecendo falar sobre um tempo muito mais distante, apresentamos uma pequena passagem do conjunto de debate que aconteceu no SINGA em Recife que teve como tema: Para além das cercas que nos cegam: As naturezas das R-existências no campo na América Latina.

Podemos dizer que os textos que compõem esse número podem ser divididos em três conjuntos temáticos, a saber: a dinâmica territorial do campesinato, suas formas territoriais de socialização, inserção no mercado capitalista e resistências; a dinâmica do desenvolvimento das estruturas sociais da economia capitalista no campo; a geopolítica do conhecimento sobre os estudos do espaço agrário, tanto em seus aspectos sobre os veículos de divulgação do conhecimento, como sobre a história das ideias categorias e conceitos.

No primeiro conjunto temático contamos com estudos que analisam a dinâmica das formas de vida do campesinato, tanto em um aspecto comparativo observando a realidade desses sujeitos sociais no Brasil e no México, como buscando entender o contexto de mobilidade do trabalho camponês em Sergipe. Ainda no âmbito desse primeiro recorte temático temos estudos que analisam as estratégias de inserção econômica do campesinato no mercado via a realização de cooperativas ou mediante a participação em políticas públicas. Nesse âmbito a diversidade de abordagens do ponto de vista teórico e metodológico, bem como de localização do estudo oferecem às leitoras e leitores um bom apanhado científico sobre o tema. Dispomos nessa edição de estudos que analisam o papel do Estado e do campesinato na dinâmica dos circuitos econômicos curtos no contexto do PRONAF no Rio Grande do Norte e de cooperativismo e associativismo em Jundiá (SP) e no Alto Sertão Sergipano.

Ainda concernente ao primeiro campo temático três trabalhos analisam a dinâmica territorial da precarização laboral e do trabalho escravo. O primeiro estuda esse contexto no Estado do Bahia, concluindo que a prática da escravidão contemporânea pode ser observada, principalmente, no Oeste do estado, onde a produção da soja e do algodão é proeminente, e nas áreas destinadas à cafeicultura, localizadas na microrregião do Planalto da Conquista. O segundo analisa as roupagens da precarização do trabalho alienado no processo de beneficiamento da castanha de Caju. O terceiro trabalho, que analisa esse contexto no Maranhão, a partir de apontamento tipográfico e uma pesquisa iconográfica, dialoga de algum modo com o terceiro agrupamento temático de trabalhos da revista, na medida em que busca entender a forma como a imprensa analisa, representa e dialoga sobre o tema do trabalho escravo.

As análises sobre o processo de estrangeirização de terras no Estado da Paraíba, sobre as cidades do agronegócio no Mato Grosso e a respeito da dinâmica de realização do setor agropecuário no Rio Grande do Norte, são trabalho que integram o eixo temático da dinâmica do desenvolvimento das estruturas sociais da economia capitalista no campo. Oferecem ao público da revista dados e conclusões importantes partindo de lugares teóricos e geográficos diferentes.

Dois estudos de cunho epistemológicos participam dessa edição da revista colocando em questão a história do conhecimento sobre a questão agrária no Brasil analisando pesquisas científicas publicadas na Revista Brasileira de Geografia e no Boletim geográfico, buscando compreender os principais conceitos e teorias mobilizados para realização das pesquisas. As formas como os povos indígenas em Dourados (MS) são retratados nas notícias de jornais, buscando elementos que sirvam como articuladores para reconhecimento do contexto geográfico é o segundo artigo que integra o terceiro eixo temático desse número especial da revista.

Esse conjunto de artigos que compõem a edição especial da Revista sinaliza a diversidade e a pujança da produção intelectual sobre o espaço agrário no Brasil ao mesmo tempo, que é apenas um pequeno fragmento dos calorosos debates que aconteceram em Recife, Pernambuco, Brasil. Este número especial ao lado de outros números especiais publicados anteriormente nas revistas: Okara, Campo-Território, Revista NERA, Mutirão e Revista Rural & Urbano compõe o sexto volume com trabalhos inéditos apresentados no SINGA. Desejamos a todas e todos uma inspirada leitura.

Boa leitura!!!

Anderson Camargo Rodrigues Brito

Claudio Ubiratan Gonçalves

Izabela Gomes da Silva